

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 24

Data: 23.01.75

Pg.: _____

“Arena-2” indígena

Três bororós dissidentes da liderança do cacique Eugenio Rondon, que vivem juntamente com 60 famílias a 10 quilômetros de Merure (MT) estiveram ontem no Ministério do Interior para reivindicar que “suas excelências” demarquem não a área que os seus rivais pretendem, mas uma outra, “no rumo de Rondonópolis”. A saída, os índios estavam certos de que haviam sido recebidos pelo ministro Rangel Reis, quando, na verdade, o foram pelo chefe de gabinete Orlando de Almeida e Albuquerque.

Os funcionários do Ministério ficaram surpresos com a presença dos bororós, que se trajavam como camponeses e cheiravam a álcool. O que se dizia chefe, José Luis, explicou que a sua clã não gosta de guerra e que poderia conviver pacificamente com os fazendeiros, de quem não guardam o que chamaram de “desgostos”.

Para José Luis, Eugenio Rondon e o seu filho Lourenço não passam de gente “muito ligada à missão religiosa”, e que pretendem uma guerra total contra os brancos. Os bororós, liderados por Rondon, recentemente, mataram três bois e dois cavalos do fazendeiro José David, irritados com a invasão de suas terras.

Os três bororós acham que a divergência entre eles lembra muito o que se passa na Arena: “Todos são irmãos, mas existe a Arena-1 e a Arena-2, sim senhor, coisa de liderança”. Bastante conversadores, eles dizem que conhecem muito “aquele pai e aquela filha”. O fato de terem morto bois e cavalos do fazendeiro José Davi “é coisa que não se faz, pois as terras dão para todo mundo viver em paz”. A facção que defendem disseram, é “de cunho estritamente espiritual e não guerreiro”.